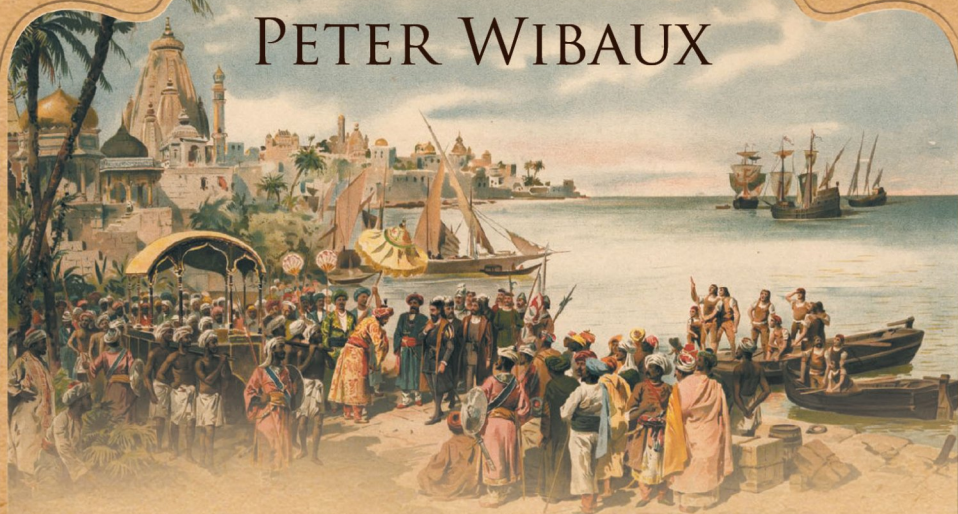


PETER WIBAUX



O CAMINHO DA ÍNDIA



FRONTEIRA DO CAOS
EDITORES

O CAMINHO DA
ÍNDIA

Título

O Caminho da Índia

Autor

Peter Wibaux

Todos os Direitos Reservados

Fronteira do Caos Editores Lda. e Autor

Tradução

Miguel Mata

Capa

Fronteira do Caos Editores

Impressão e Acabamento

Sersilito, Empresa Gráfica Lda.

Depósito Legal

XXXXXX

ISBN

978-989-8070-46-3

1ª Edição

Porto – Fevereiro de 2010

Fronteira do Caos Editores Lda.

Apartado 52028

4202-801 Porto

fronteirado caos@netcabo.pt

www.fronteirado caoseditores.pt

<http://nafronteirado caos.blogspot.com>

O CAMINHO DA ÍNDIA

PETER WIBAUX



FRONTEIRA DO CAOS
EDITORES

Índice

- 11 *Agradecimentos*
- 12 *Prefácio*
- 15 *Prólogo*
- 17 *O Príncipe Perfeito*
- 20 *O Rapaz de Sevilha*
- 23 *O Espião*
- 26 *O Astrónomo*
- 29 *A Junta Matemática*
- 32 *Uma Palma de Ouro*
- 36 *A Caravela*
- 40 *O Grumete*
- 43 *A Segunda Caravela*
- 47 *Os Dias de Bartolomeu*
- 51 *A Despedida*
- 54 *O Banqueiro de Nápoles*
- 56 *Os Cavaleiros do Hospital*
- 59 *O Cabo de Adamastor*
- 64 *O Golfo dos Vaqueiros*

- 69 *As Febres*
73 *A Monção*
77 *O Fantasma de Elmina*
82 *O Sonho do Oriente*
85 *Mercadores e Matemáticos*
89 *As Léguas de Colombo*
95 *Negócios da China*
99 *As Minas de Salomão*
103 *Peregrinação ao Cairo*
105 *Um Rude Golpe*
109 *O Fio Quebrado*
112 *O Sapateiro*
115 *O Selo do Pelicano*
119 *A Moeda Romana*
123 *Política, Pilotos e Padres*
127 *A Leitura do Vento*
132 *O Cadáver*
136 *A Ribeira das Naus*
139 *Regicídio*
143 *O Anão*
146 *A Fronteira Espanhola*
149 *O Aprendiz*
152 *O Novo Mundo*
156 *Provocação*
160 *As Naus da Índia*
163 *O Pó Branco*
165 *Ventos de Espanha*
169 *Mare Clausum*
173 *A Agulha Genovesa*
178 *A Águia e o Mocho*

- 181 *El Tratado*
185 *A Sucessão*
189 *Luz Verde*
191 *Aço Damasceno*
195 *Um Mar de Dor*
199 *O Rei Venturoso*
203 *O Furto*
206 *A Chantagem*
209 *O Lançamento*
212 *Ordens de Missão*
219 *Capturado*
223 *Em Nome de Deus*
227 *Maria*
231 *Mar, Mar, Mar*
236 *A Dama Sem Companhia*
240 *Mal Ária*
246 *A Travessia*
253 *Cristãos e Especiarias*
258 *A Bíblia*
262 *Un Bel Trovato*
266 *O Monge de Melinde*
272 *O Acólito*
276 *O Caminho da Índia.*



Agradecimentos

A edição original do livro que tem entre mãos foi escrita em inglês, com um objectivo simultaneamente simples e ambicioso: dar a conhecer aos de fora o que nós fizemos. Sempre que Portugal teve grandes ideias foi grande; é no seguidismo que encontramos a pequenez.

O maior agradecimento para a edição portuguesa vai para o Victor Raquel, e para a Fronteira do Caos. E para si, que está a ler estas palavras. Espero que nesta leitura viva o orgulho do que fomos e do que somos, e que no final sinta aquele lume de tristeza e alegria a que nós chamamos saudade.

Pelos estranhos rumos do destino, os meus agradecimentos são um exercício de aliteração. Para a edição americana: duas Sarah, uma Susan, Sheridan, Shana, Stanton, entre outros. Para a portuguesa, começa em dobro com o tradutor, Miguel Mata. Depois, para a minha mãe (*in memoriam*), José Manuel, Miriam, Madalena, Conceição Montalvão, Margarida e António Monteiro.

Para outro José Manuel, mas de apelido Malhão Pereira, talvez o maior especialista das descobertas quinhentistas, o meu profundo agradecimento por todos os seus ensinamentos.

Sobra-me uma nota para os erros que restam: são meus.



Prefácio

A historiografia mais recente já admite que a expansão portuguesa dos séculos XV e XVI correspondeu ao início da globalização. De facto, as tímidas opiniões de alguns historiadores do século XX têm sido consolidadas por estudos mais recentes que reconhecem que o impulso português foi o início da aproximação dos povos de diversas culturas e níveis civilizacionais, outrora dispersas e vivendo algumas delas completamente isoladas.

As estradas do mar e os navios foram os meios que permitiram essa aproximação, tendo o nosso parceiro ibérico seguido muito de perto o impulso inicial dado pelos nautas lusos, consolidando assim o protagonismo europeu na expansão marítima de carácter global, mais tarde seguido sucessivamente pelos marinheiros franceses, holandeses e ingleses.

Um facto que por vezes não é suficientemente reconhecido corresponde à incrível deficiência demográfica portuguesa, que no início da expansão tinha pouco mais de um milhão de habitantes, o que correspondia a entre um terço e um quinto dos seus concorrentes europeus.

Outro dos factores decisivos para as grandes viagens de exploração foi o seu carácter científico, dado que as dificuldades das navegações criaram enormes incentivos ao desenvolvimento, de entre outras ciências, da astronomia e da matemática, que passaram a constituir ferramentas sem as quais não se poderia prosseguir cada vez mais longe em mares inóspitos e praias longínquas, das quais se tinha sempre que regressar.

Também a visão estratégica e política dos dirigentes da época foi um factor primordial para que os portugueses saíssem da sua terra e fossem ao ultramar defender os seus interesses, e por acréscimo, o dos outros povos europeus e os dos territórios com quem se passaram a relacionar pelo mar.

Toda esta acção envolveu todos os estratos sociais da Nação, e dado a já referida exiguidade numérica, envolveu praticamente todas as famílias portuguesas, sendo raras as que não tivessem algum dos seus elementos no ultramar ou em viagem de ou para essas terras longínquas.

Apesar do reconhecimento dado recentemente à expansão portuguesa em meios científicos, toda a sociedade em geral está intensamente imbuída da “cultura” da última potência europeia que até há cerca de 50 anos influenciava directa ou indirectamente todas as decisões mundiais.

Nestas condições, a cultura popular continua a ser dominada por informação veiculada por agentes originários da esfera da potência dominante da época, que consideram que o mundo começou apenas no século XVII. E se analisarmos as produções, cinematográfica, literária, televisiva, etc., raramente se vê nelas os protagonistas da expansão Europeia.

Isto poderá ser natural e humano, no entanto e até certo ponto deverá caber a nós portugueses fazer justiça à nossa história e, por acréscimo, também à dos outros povos, contribuindo para o esclarecimento de muitos factos históricos, que não só são omitidos intencionalmente como também por desconhecimento.

E para isso, esta obra irá muito contribuir, não só pelo grande valor do conteúdo desta edição em português, como também pelo facto de que já foi publicada na língua veicular mundial, que, diga-se em abono da verdade, corresponde ao serviço prestado pela língua portuguesa, quando a grande nação marítima habitante nas ilhas britânicas chegou ao Oriente no século XVII.

Para mim é não só uma honra que estas minhas considerações façam parte desta obra, como também a oportunidade que me foi dada pelo seu autor de ler este trabalho, que tão bem e tão profundamente descreve, critica e analisa todo o início da Expansão Europeia, liderada pelos portugueses.

Somos apresentados a uma grande personalidade política da época que muito bem soube aproveitar as condições para tomar as decisões que mais interessavam ao futuro do seu povo.

Assistimos à preparação técnica dos veículos para a expansão marítima, às discussões em torno não só da construção dos navios como também da preparação científica e prática dos seus pilotos.

Para tudo isto, assiste-se ao recurso a toda a massa crítica existente na Península Ibérica, essencialmente proveniente da cultura greco-árabo-judaica, tão bem ilustrado pelas coloridas discussões dos astrónomos e práticos em torno de uma mesa. Saboreando o belo vinho português e manuseando os instrumentos astronómicos e as cartas então existentes das diferentes partes do mundo conhecido ou já descoberto pelos nautas lusos, tomam-se decisões sobre derrotas dos navios, técnicas de navegação e etc.

Embarcamos nas caravelas de Diogo Cão e Bartolomeu Dias e acompanhamos os espiões enviados ao Oriente para preparar, com informação fresca, o assalto final à ligação por mar entre os principais consumidores de diferentes produtos, outrora transportados essencialmente no dorso de camelos.

Assistimos também às rivalidades ibéricas, à viagem de Colombo, e à extraordinária acuidade política dos responsáveis lusos durante as tomadas de decisões correspondentes à divisão do mundo pelos dois Estados concorrentes.

Ouvimos, numa conversa entre indianos e ocidentais, que os romanos não terão perdido o seu império apenas devido à ganância, às orgias e outras dissipações sociais, mas essencialmente porque um império daquela dimensão não poderia ser administrado sem conhecer o zero.

O que mais aprecio nesta obra é o colorido com que o autor analisa os factos históricos, interligando os aspectos sociais, científicos, políticos, económicos, etc., em pequenos capítulos que muito se aproximam da linguagem expressa pelos modernos *clips* de vídeo.

Considero que esta obra será um excelente contributo para que a verdade histórica da expansão europeia seja mais conhecida, não só em Portugal como no estrangeiro, e para que se mude a atitude da cultura dominante, que escamoteia quase sempre o contributo da nossa pequena mas valorosa Nação.

Contribuirá ainda este trabalho, para o leitor concluir entre outras coisas, tal como dizia Pedro Nunes no início do século XVI, que os descobrimentos “... nam se fizeram a acertar; mas partiam os nossos mareantes muy ensinados e providos de estromentos e regras de astrologia e geomotria: que sam as cousas que os Cosmographos ham dãdar apercebidos: segundo diz Ptolomeu no primeiro livro da sua Geographia. ...”.

JOSÉ MANUEL MALHÃO PEREIRA



Prólogo

Em nome de Deus, Amém.

Na era de 1497 mandou el-rei D. Manuel, o primeiro deste nome em Portugal, a descobrir, quatro navios, os quais iam em busca de especiarias, dos quais navios ia por capitão-mor Vasco da Gama, e dos outros: dum deles Paulo da Gama, seu irmão, e do outro Nicolau Coelho.

Assim começa o diário da expedição, o único relato sobrevivente da viagem a Calecute. Partiram numa quente manhã de Julho, um sábado. Segundo a tradição, a noite anterior devia ser passada em oração, e assim aconteceu. Os capitães e os pilotos fizeram a vigília na pequena capela de Santa Maria de Belém, a dez minutos a pé do Cais Novo, onde estava ancorada a frota. Além dos santos de maior nomeada, capitaneados pelos irmãos Gama, havia um santo mais pequeno, a nau *São Miguel*, e o inevitável navio de apoio, para ser sacrificado pelo caminho quando necessário: tripulantes e vitualhas seriam distribuídos pela frota, para reporem a dotação inicial.

A viagem demorou dois anos e ceifou metade das tripulações. A gélida mão da morte abateu-se equitativamente sobre oficiais, marinheiros e soldados mas, como sempre, os deportados foram os mais atingidos. Dos quatro navios, apenas dois regressaram, arrastando-se até Lisboa com os poucos carpinteiros e calafates sobreviventes labutando dia e noite para os manterem à tona. O diário de Álvaro Velho termina abruptamente a meio da viagem de retorno, pouco antes da Costa da Guiné, onde o autor poderá ter perecido.

Esta é a história de uma viagem tornada possível por homens que liam as estrelas, jogavam os jogos da política e da guerra melhor do que nos tempos de hoje, e que ousaram arriscar o futuro de toda uma nação pelo pote de ouro de Marco Pólo. É a história da subida à ribalta de um pequeno país com pouco mais

de um milhão de almas. É a razão pela qual se bebe «chá» em chinês e português, e a palavra «chave» tem o mesmo significado em português e em kikuyu, uma das principais línguas tribais do Quênia; explica a notável semelhança entre a palavra indiana *vindaloo* e «vin d’alho», a célebre marinada madeirense, e o aparecimento de «tempero» em japonês sob a forma de *tempura*.

Qualquer empresa bem sucedida tem duas partes: o planeamento e a execução. Por cada mês que Vasco da Gama passou no mar, tiveram lugar doze meses de preparação. Quando o piloto real Pêro de Alenquer fez ouvir o seu apito no navio almirante, naquela quente manhã de Julho de 1497, conduzindo a esquadra para as vastas águas do Atlântico Norte, sabia que a grande aventura tivera início vinte e cinco anos antes, na mente do *Príncipe Perfeito*, então um jovem de dezassete anos de idade.



O Príncipe Perfeito

No dia 25 de Agosto de 1471, um jovem olhou pela janela para a alba norte-africana. Viu os socos de Arzila, tranquilos depois da peleja, e ténues plumas de fumo erguendo-se aqui e ali das terras pilhadas. Apesar da excitação da véspera, apesar da adrenalina que ainda se fazia sentir, a madrugada trazia consigo um peso de chumbo. O olhar do jovem voltou-se para ocidente, para o Atlântico, para casa. Responsabilidade; liderança; visão. Que fardo sobre os seus jovens ombros! E depois dos acontecimentos da véspera, muito mais dele se esperava agora.

D. João era um jovem orgulhoso, príncipe herdeiro de Portugal, único filho varão de D. Afonso V, *o Africano*. Um irmão mais novo, nascido em 1451, morrera com um ano de idade; a irmã mais velha entrara há pouco para um convento, em Aveiro. Naquele sangrento sábado de Agosto, o príncipe entrara a cavalo na cidade moura ao lado de seu pai, com um exército de trinta mil homens. Durante a semana anterior, assistira impotente às escaramuças travadas entre cristãos e mouros na testa-de-ponte, com a borrasca atlântica a impedir o desembarque da esquadra. Mas aprendera o valor da artilharia naval. Duas décadas mais tarde, os portugueses dariam idêntica lição no Oriente, esmagando as posições inimigas em Mogadíscio e Calecute.

Decorridos três anos, D. João ainda tinha a espada torcida que brandira naquelas horas sangrentas quando, ao lado de seu pai, abrira um trilho de sangue das muralhas da opulenta urbe até à cidadela, cenário da derradeira contenda. Os Berberes sobreviventes tinham sido entregues à sede de sangue dos soldados. Tal como hoje acontece, a violação e a tortura falaram mais alto do que a misericórdia, com as chamas primevas da natureza humana alimentadas pelo oxigénio da fé.

D. João assistiu ao declínio do reinado de seu pai e compreendeu que não tardaria a ser chamado a ocupar o trono. Não comungava da obsessão paterna com a cruzada norte-africana; a sua visão era mais elevada, remontando ao tio-avô, D. Henrique, *o Navegador*.

O jovem príncipe era bisneto do rei D. João I, que dera início à expansão de Portugal para o Atlântico com a conquista do estratégico porto de Ceuta, frente a Gibraltar, em 1415, quarenta e seis anos certos antes da tomada de Arzila. Era descendente directo de D. João de Gante, cuja filha, D. Filipa de Lencastre, desposara o monarca português, cimentando a mais antiga aliança da Europa.¹

Em 1474, D. João era já conhecido pelo cognome de *Príncipe Perfeito* e no ano seguinte foi nomeado regente. Tinha plena consciência de que o pai deixara a nobreza tornar-se um poder paralelo em relação ao do rei e de que a Casa de Bragança, em particular, se estabelecera como uma séria rival do monarca. O casamento de conveniência entre o *Príncipe Perfeito* e D. Leonor de Bragança, sua prima direita, pouco fez para obstar ao crescente afastamento. E nem o nascimento do primeiro filho, em Maio de 1475, foi suficiente para travar os conspiradores que procuravam minar a ascensão de D. João ao poder. Este via o seu casamento como era hábito na nobreza, ou seja, como uma medida estratégica para promover uma aliança política. Contudo, o jovem regente não tardou a dar-se conta que a sua mulher, apesar de fresca e bela, era também fria e calculista. D. João compreendeu que D. Leonor seguia uma agenda muito própria, fortemente influenciada pelo pai e pelos irmãos, com o objectivo de enfraquecer a coroa.

«A minha fraqueza será a força deles», reflectiu o *Príncipe Perfeito*, «e a força deles será a minha perdição. Tenho que encontrar forças naqueles que me apoiam, pois são os meus próprios tios e primos que conspiram para a minha eliminação».

O jovem foi lesto a aprender, enquanto observava o pai a cometer uma sucessão de erros que culminou numa ausência prolongada em França, o que só serviu para fortalecer os seus opositores domésticos. «Eles vão aproveitar-se da minha coroação para agirem. Tenho que atacar primeiro... e sem contemplações!».

D. João ponderava as lições que aprendera com o Infante D. Henrique, navegador dos oceanos. O *Príncipe Perfeito* sabia que o futuro do seu pequeno reino não estava no Norte de África, mas sim no Oriente: nas Índias, no Império

¹ João de Gante (John of Gaunt), filho de Eduardo III de Inglaterra, foi o fundador da Casa de Lencastre (Lancaster). Por sua iniciativa, o Tratado de Windsor, assinado em 1387, consagrou a aliança entre Portugal e a Inglaterra. (N. T.)

Celestial, no Cipango de Marco Pólo, nas riquezas do comércio das especiarias. Para concretizar o seu sonho, D. João necessitava de cientistas – astrónomos para lhe orientarem os navios. Necessitava de sacerdotes e advogados, homens de fino trato que pudessem conquistar um reino com uma assinatura ou garantir a posse de terras estrangeiras mediante uma cláusula de um acordo. Eram precisos homens valentes: capitães, marinheiros, condenados. Mas nem todos serviriam. Nada de nepotismos, nada de nobres efeminados, nada de filhos predilectos. Os duros, os segundos filhos, os que eram ambiciosos, inteligentes e implacáveis, que combateriam até aos confins do mundo no cumprimento das ordens do seu rei. E eram precisos espões.



O Rapaz de Sevilha

O velho centro de Sevilha erguia-se orgulhoso naquela cálida manhã de Primavera. Pêro da Covilhã sentia a omnipresente azáfama da Andaluzia: em redor da monumental catedral, ainda inacabada, formigavam vendedores ciganos, contadores de histórias árabes e judeus barbudos da Judiaria, comerciando prata e ouro.

Dirigiu-se para oeste, até ao rio Guadalquivir, que a brilhante luz do sol fazia cintilar. Dali partiam navios para Cádiz, antiga praça-forte fenícia convertida na porta atlântica de Castela. Mas Pêro não tinha nada de espanhol. O seu amo, Don Juan Alfonso de Guzmán, 1.º duque de Medina Sidónia, trouxera-o seis anos antes da raia portuguesa, como laçao, encantado com a esperteza do covilhanense de dezoito anos de idade. Pêro bebeu do cadinho étnico da Andaluzia e aprendeu a rápida algarviada sevilhana, os dialectos árabes do Norte de África e da Península Ibérica e o hebraico dos cristãos-novos.

A cidade foi a sua escola. Ali se fez homem, aprendendo a manusear o florete e a espada e a navegar nas complexidades da diplomacia espanhola. Medina Sidónia estava a braços com os apoiantes de Ponce de León e sempre que os grupos rivais se encontravam eclodiam rixas. A figura e o espírito de Pêro tinham-lhe valido os favores de algumas das jovens e quentes cortesãs do duque, que em troca das emoções que encontravam na sua cama lhe ministravam lições bem avançadas para os seus vinte e quatro anos.

A energia que irradiava das cálidas noites de Sevilha e as beldades ciganas de negros cabelos que dançavam o flamenco ao som da guitarra, acompanhadas por dramáticas canções de amor, perda e traição, pareciam fazer eco da predisposição de Pêro para se rir das ironias da vida.

Pêro chegou ao palácio de Medina-Sidónia, passou pela guarda, atravessou o sombrio pátio mourisco e aproximou-se do mezanino. Das janelas

chegaram-lhe os sons de um clavicórdio e de um alaúde e de risos de mulheres. Metendo por um arco em forma de ferradura, Pêro subiu uma escadaria de granito a dois degraus de cada vez, seguindo depois por um longo corredor. A tapeçaria carmim que cobria o chão mostrava a deusa romana Diana guardando um grupo de caçadores com cavalos e falcões. Don Guzmán falecera recentemente e foi o filho mais novo, Henrique, que saudou o recém-chegado e lhe fez sinal para que se aproximasse. Levantando-se da cadeira, mandou sair o seu retratista. Pêro deu uns passos até à janela e sentiu a brisa entrar no salão abafado.

«Don Pêro, o nosso irmão, Don Juan, vai deslocar-se a Lisboa. Irá apresentar-te na corte, ao rei Afonso, *o Africano*. O teu destino não são as saias de Sevilha nem as escaramuças com as gentes do marquês de Cádiz, por muito excitantes que possam umas e outras ser». Henrique sorriu. «A tua discrição e coragem, a par da tua falta de escrúpulos para com o teu semelhante, valer-te-ão certamente as graças daquele a quem chamam *Príncipe Perfeito*».

A caracterização feita pelo duque fez o jovem enrubescer. «Senhor, sou vosso leal servo. Ordenai e cumprirei vossa vontade!», protestou ele. «Mas se vossa mercê pretende que deixe de vos servir...».

Pêro já ouvira falar do jovem príncipe português, uma estrela em rápida ascensão que não comungava dos valores medievais do pai, D. Afonso. Enquanto o velho monarca procurava a glória nos campos de batalha do Norte de África, o filho, D. João, estava mais preocupado com o destino atlântico de Portugal e estudava as lições do seu tio-avô, o Infante D. Henrique, com diligência e entusiasmo.

O duque colocou a mão no ombro do jovem. «Interpreta-me mal. És como um irmão para mim e eu gostaria que ficasses. Conheço a tua lealdade e prezo a tua confiança». Fez uma pausa, enrugando a testa. «Acontece que nem todos vêem com bons olhos a tua posição aqui. Seja por causa da tua juventude e do teu espírito, seja pela atenção que dou aos teus conselhos, seja até», disse ele, com um brilho nos olhos, «pela raiva de um marido enganado, tens aqui mais inimigos do que pensas».

Pêro sabia que o duque tinha razão. A sua nacionalidade bloqueava-lhe o acesso à corte dos Reis Católicos, devido ao receio de intrigas com os seus primos portugueses. Pêro pensou na pátria e nas histórias que ouvira acerca do *Príncipe Perfeito*, o qual, com dezanove anos de idade, era suficientemente jovem para ser moldado, mas que em 1471 fora armado cavaleiro pelo pai, na mesquita de Arzila, convertida em templo cristão depois da tomada da cidade. As ambições do jovem príncipe equiparavam-se às suas e seria motivo de

orgulho servir um homem capaz, que aliasse a visão à orientação e a estratégia ao sucesso.

De facto, o príncipe D. João estava destinado a guindar a empresa atlântica de Portugal a alturas inauditas, combinando ciência, política e aventura numa poção inebriante que levaria o seu pequeno país aos confins de África, da Índia e do Brasil, e tudo isto no espaço de uma única geração: um quarto de século que estilhaçaria o monopólio veneziano do comércio com o Oriente, arrancaria o negócio das especiarias às garras do Islão e abriria as portas do mundo ocidental à globalização.

O que Pêro não podia adivinhar era o papel que ele próprio desempenharia neste plano estratégico, na qualidade de espião-mor do *Príncipe Perfeito*. Mas quem manda é o destino e o talentoso jovem, ao abandonar o palácio, com a sua formosa cabeça cheia de ideias e sonhos, olhou para o ocidente e para o futuro.



O Espião

Era uma quente manhã de Abril. O espião acordou cedo e, com todo o cuidado para não acordar a bela mulher adormecida a seu lado, abandonou o leito. Da janela, contemplou a famosa Ribeira, o gigantesco arsenal naval onde as guildas dos ferreiros, fundidores, armeiros e carpinteiros e uma miríade de outros artífices construía as caravelas que partiam do Tejo.

Trajou-se a preceito... ia avistar-se com o *Príncipe Perfeito*. Partiu silenciosamente, instruindo o criado para que acordasse a sua amiga, lhe oferecesse um ramo de flores e a transportasse aos jardins da Ajuda, onde ela ficara de se encontrar com a irmã. O marido estava em Tânger mas Pêro era prudente nos seus encontros e cuidadoso nos seus compromissos. Sorrindo para si próprio ao recordar-se da noite anterior, rumou a uma casa localizada junto das muralhas da cidade, onde fora combinado um encontro com D. João II, rei de Portugal.

Enquanto cavalgava para leste, o espião ia reflectindo no longo trajecto que fizera desde os seus tempos de jovem em Sevilha. Era alto e os anos haviam-no encorpado; o cabelo, escuro, tinha agora a companhia de uma barba curta. Os dedos que seguravam as rédeas eram quadrados e fortes, os punhos grossos como vides. E tal como as uvas poeirentas se transformavam num bom vinho tinto, a cabeça, assente em ombros largos, era de belo recorte, com um queixo resolutivo e escuros olhos árabes que dançavam de inteligência.

Depois do serviço de Pêro como escudeiro do *Africano*, por quem tinha combatido os Espanhóis na Batalha de Toro, o jovem príncipe D. João subiu ao trono e a consolidação do seu poder contra uma série de nobres insatisfeitos foi exigindo cada vez mais de Pêro. Depois de o novo soberano ter apunhalado de morte o cunhado e envenenado o bispo de Évora, encarregou Pêro de encenar a execução de um terceiro conjurado que fugira para Espanha. Pêro executou a

efígie do homem na praça pública, na Guarda, atemorizando-o a tal ponto que ele se suicidou pouco depois. O *Príncipe Perfeito*, para quem a falta de escrúpulos era uma virtude e a argúcia um trunfo, ficou encantado com a engenhosa manha. A partir de então, Pêro foi sendo incumbido pelo seu monarca de missões cada vez mais complicadas, obtendo informações junto de fontes bem colocadas – a espionagem sempre foi a chave da preparação. O espião possuía todas as qualidades necessárias. Os seus serviços tinham frustrado conspirações domésticas e promovido conjuras no estrangeiro, e agora, em Abril de 1485, D. João II voltava a solicitá-los.

Pêro saiu pela antiga porta de Alfôfa¹ e meteu por um trilho no meio dos laranjais. A casa era baixa, com paredes imaculadamente caiadas e pilastras azuis nos cantos, com telhado de terracota.

Ao centro da sala, na penumbra, encontrava-se o homem ao qual Isabel, *a Católica*, chamava simplesmente «*El Hombre*». O *Príncipe Perfeito* tinha apenas trinta anos de idade mas a barba começava já a raiar o cinzento. Tinha uma bela figura, era alto e bem proporcionado, com um rosto comprido emoldurado por lisos cabelos castanhos. O rosto era rubicundo, contrastando com a sua pele clara, e o nariz era ligeiramente torto. Mas eram os olhos que infundiam o medo no coração dos homens: mostravam finas veias de sangue, e quando o rei se encolerizava o branco adquiria um tom carmesim.

D. João sorriu e saudou Pêro calorosamente. «Bom escudeiro, apraz-me a tua companhia!». Estendeu a mão e o espião beijou-a, curvando-se por mera formalidade, já que o rei ligava muito mais à substância do que ao cerimonial. «Já conheces os meus médicos, Rodrigo e Moisés. Este é D. Diogo, nobre bispo de Tânger».²

Pêro sorriu. «Ah! Tânger, cidade onde há tanto trabalho para a obra de Deus. Sinto-me honrado, bispo. É tanta a abnegação dos que servem nessa província moura!». Pêro acenou com a cabeça aos médicos, os quais, à semelhança de outros sábios ecléticos que faziam parte do círculo do monarca, eram matemáticos e cosmógrafos de nomeada. O coração começou a bater-lhe mais depressa, pois Pêro sabia que o soberano voltara a escolhê-lo para embarcar numa aventura.

«Desejamos melhorar as nossas expedições navais, concertando-as com os conhecimentos obtidos através da rota veneziana».

¹ Do árabe *Bab al-Hawha*, «Porta do Postigo». Situa-se na Rua do Milagre de Santo António e dava passagem da Rua da Costa do Castelo, uma estrada de circunvalação da fortaleza, para a cidade (<http://geo.cm-lisboa.pt>). (N. T.)

² Diego Ortiz de Vilhegas, ex-professor na Universidade de Salamanca, bispo de Ceuta e Tânger, conselheiro de D. João II (e de D. Manuel) para assuntos cosmo-gráficos. (N. T.)

Era bem sabido dos portugueses que há quase dois mil anos, desde antes de Alexandre e Nearco,¹ o importantíssimo comércio europeu das especiarias estava dependente das monções do Oceano Índico. Moedas romanas descobertas na Índia e os escritos de Plínio constituíam provas inequívocas de que as rotas comerciais entre Adém e o Malabar tinham sido estabelecidas há milénios.

«Desejamos aprender mais sobre as rotas da monção e sobre a navegação entre a África Oriental e a Índia. Ainda te lembras das línguas mouriscas da tua juventude?».

«Há já alguns anos que não dou uso ao meu árabe mas muitas vezes me disseram que eu poderia passar por mouro». Dadas a sua barba curta e compleição bronzeada, os seus ouvintes concordaram que, com uma pequena alteração cosmética, Pêro poderia certamente desempenhar esse papel.

«Diogo Cão regressou em Março. Desceu a costa sudoeste de África até abaixo do estuário do Congo e chegou aos 13º S. Iremos descer para lá do cabo mais a sul de África, e depois navegar para leste e para norte, entrando no Oceano Índico. Do qual nada sabemos. Necessitamos de estar preparados para quando chegar a altura».

O rei planeara enviar o seu espião para o Oriente, numa viagem plena de perigos. Pêro iria disfarçado de árabe. Atravessaria terras governadas por mouros e turcos. Qualquer deslize ser-lhe-ia fatal. A missão anterior de D. João ao Oriente não chegara mais longe do que Jerusalém. O *Príncipe Perfeito*, sempre cuidadoso nos seus preparativos, planeara um primeiro ensaio no Norte de África. Serviria para testar as competências de Pêro para a sua nova missão e dar-lhe-ia o álibi necessário: a identidade de um mercador berbere em busca de oportunidades comerciais nas Índias.

«Como primeiro passo, vamos enviar-te a Tremecém». O rei voltou-se para o prelado tonsurado. «Bispo?».

D. Diogo pigarreou e disse, «El-rei deseja que te desloques ao Magrebe, à capital da Berbéria». O bispo explicou que o império dos Almóadas estava dividido em três Estados: a Ifriquia, a leste, incluindo a Tunísia e parte da Argélia Oriental, governado pela Dinastia Hafside; no centro, o Magrebe Al-Awsat, o reino de Tremecém, englobando toda a Argélia Ocidental, controlado pelos Berberes Abd-el-Uaditas; e o Magrebe Al-Aksa, a oeste, correspondendo a Marrocos, governado pelos Merínidas. O bispo alongou-se nos aspectos geopolíticos.

D. João, homem de pouca paciência, interrompeu-o. «Ah! Basta de história política, bom Padre. O nosso Pêro nunca se perdeu na estranja. Antes do São Silvestre, vai tê-los a comerem-lhe da mão».

¹ Almirante de Alexandre Magno que navegou do Indo ao Golfo Pérsico. (N. T.)



O Astrónomo

A bafienta sala de aulas perto do Bairro Alto estava esparsamente mobilada com meia dúzia de secretárias e cadeiras. Junto da porta, havia um quadro de ardósia, montado num cavalete, coberto de esboços e símbolos matemáticos. O mestre, Abraão, um matemático e astrónomo de nomeada, trabalhara em Sagres com D. Henrique, *o Navegador*, e estudara Ptolomeu, os Árabes, os Venezianos e os Genoveses. Correspondia-se pouco com os seus colegas académicos das repúblicas italianas, da Flandres ou de Espanha, mas era regularmente informado dos seus progressos por intermédio dos espões régios. D. João II era um homem ambicioso e visionário e, juntamente com os seus conselheiros, tinha concebido a estratégia para a criação de um império atlântico. O cerco de Ceuta, em 1418-1419, e as campanhas de Tânger e Arzila, sob a égide do *Africano*, tinham desfalcado severamente Portugal em homens e recursos, perdidos no combate contra os Berberes no Magrebe em nome da Cruz de Cristo.

Naquele dia, na Universidade de Lisboa, quatro homens estavam sentados em frente de Abraão, todos escolhidos a dedo, todos veteranos da aventura africana. Pêro de Alenquer, conhecido como o «Piloto», ouviu o erudito explicar as complexidades da cosmografia celestial, da cartografia e da navegação oceânica. Em cima da mesa, havia duas cartas: a primeira mostrava o mundo da perspectiva veneziana, com a grande massa terrestre da Europa, o Mar Mediterrâneo e a Ásia de Marco Pólo.

«Este mapa-múndi dá-nos a visão actual da geografia mundial. Infelizmente, tem três problemas». Abraão fez uma pausa para dar mais ênfase às suas palavras. «Chamam-se Oeste, Este e Sul». Os homens riram-se; tendo cartografado parte da costa ocidental africana e navegado em barcas e caravelas com Eanes e Cintra, sabiam identificar os erros da carta.

«Toscanelli¹ está convencido de que o caminho para as Índias fica a ocidente». O astrónomo sorriu. «O *Príncipe Perfeito* mandou embora Colombo da corte e agora o aventureiro genovês está a tentar obter o patrocínio dos Reis Católicos. Os nossos amigos espanhóis que procurem uma passagem a ocidente, enquanto nós rumamos a oriente».

O mestre examinou o grupo que tinha à sua frente: um capitão e três pilotos, todos viajantes experientes, homens cujos feitos marítimos eram bem conhecidos. Um dos pilotos, Escobar, explorara o caminho para a Serra Leoa e conhecia bem a costa da Guiné, tendo navegado cerca de trezentas e cinquenta léguas, até Elmina.

A conversa passou para as correntes e ventos, factores cruciais para o êxito da empresa indiana. Escobar, que navegara com Diogo Cão, descreveu a viagem até ao Congo. «As caravelas navegaram sem quaisquer problemas até Cabo Verde. Acorámos na velha cidade da Praia, ao abrigo da fortaleza, e reabastecemos-nos de provisões. Em terra, usei um astrolábio para pesar o sol² e confirmei a nossa latitude como sendo 15° N».

«E as correntes e os ventos?», inquiriu o astrónomo.

«São de feição ao longo da costa ocidental de África. Os alísios de nordeste, sopram até às latitudes equatoriais e a corrente das Ilhas Afortunadas³ leva-nos para sul. Passámos pela Serra Leoa, e nos 10° as águas dividem-se».

«Como assim?».

«As águas das Canárias viram para oeste; o Diogo Cão mandou os navios segui-las, para evitar eventuais baixios e recifes a sul e a leste».

Mas as correntes e os ventos empurraram-nos demasiado para oeste e o capitão ordenou às duas caravelas que navegassem à bolina, rumando de novo à costa africana. Depois de se aproximarem da costa, os navios rumaram a sul e a leste, em direcção a São Jorge da Mina, mas a progressão foi lenta.

«E depois de Elmina?», perguntou o capitão Dias.

¹ Paolo dal Pozzo Toscanelli (1397-1482), matemático, astrónomo e cosmógrafo florentino. Em 1474, Toscanelli enviou ao religioso Fernão Martins, seu correspondente em Portugal, uma carta e um mapa detalhando a possibilidade de chegar às ilhas das especiarias e à Ásia navegando para ocidente. Estes documentos foram entregues por Martins a D. Afonso V. Posteriormente, Toscanelli enviou cópias da carta e do mapa a Cristóvão Colombo, que as levou na sua primeira viagem. No entanto, Toscanelli calculou mal o tamanho da terra, o que levou Colombo a não compreender que tinha descoberto um novo continente (N. T.).

² Termo usado pelos pilotos portugueses para a operação que consiste em determinar o meio-dia solar no lugar considerado, ou seja, o instante em que o Sol passa no meridiano do lugar ou em que a sua altura é máxima. (N. T.)

³ As Canárias. (N. T.)

Escobar permaneceu calado, absorto em recordações. Consultando o seu diário de bordo, escolheu cuidadosamente as palavras: «A partir da Mina de Ouro de São Jorge, a navegação torna-se cada vez mais difícil. Rumámos a su-sudeste, mantendo a costa à vista, e estivemos encalmados talvez durante cento e cinquenta léguas».

Nesta zona do Golfo da Guiné imperam as calmarias equatoriais, que dificultam qualquer avanço. O vento não sopra ou é fraco e inconsistente, entre o terral e a viração.

«As leituras com o astrolábio colocaram-nos na zona do Equador, às vezes alguns graus a norte, outras alguns graus a sul».

Abraão olhou para as suas cartas. A sua coleção era vasta mas pouco precisa. Tinha como fontes alguns dos maiores cartógrafos judeus das Baleares e da Catalunha, homens como Jácome de Maiorca, Salomão ben Verga, Abraão Zacuto e, mais recentemente, o célebre cosmógrafo Martim da Boémia. À semelhança de Abraão, eram quase todos sefarditas.

«Voltemos à tua viagem, piloto. Quando Diogo Cão rumou a oeste, depois de Santiago, quantas léguas fez?».

«Depois de Cabo Verde? É difícil dizer com precisão, talvez cem, cento e vinte». O piloto olhou para Alenquer, embaraçado.

O seu camarada deu a Abraão uma explicação prática. Alenquer explicou que sem terra à vista, os pilotos não tinham grandes possibilidades de medir com precisão o progresso ao longo do paralelo, dependendo de estimativas temporais rudimentares com o auxílio da ampulheta, da agulha genovesa e da navegação por estimativa. Abraão, com a sua formação de astrónomo, bem sabia que os marinheiros portugueses não conseguiam determinar a longitude no mar. Fez um cálculo mental. «Hmm, talvez tenham chegado ao vigésimo quinto meridiano. E o vento? E a corrente?».

«Muito melhores do que no Golfo! Um bom vento de sudeste e uma deriva favorável, para oeste».

«Pois, para o lado errado», disse desdenhosamente o capitão Dias.

Abraão fitou-o com os seus olhos azuis. «Talvez, capitão, talvez».



A Junta Matemática

A Universidade de Lisboa localizava-se numa colina sobranceira ao Castelo de São Jorge, a leste,¹ e ao magnífico estuário do Tejo, a sul. Abraão olhou para as reluzentes águas azuis e maravilhou-se com a sua vastidão, com quase três léguas de largura, e com a estreita ligação ao Atlântico. Duas caravelas, impelidas por vento de noroeste, entravam no Mar da Palha. O grande ancoradouro do outro lado do rio, frente à capital portuguesa, era seguramente o melhor porto natural entre o Mediterrâneo e o Mar do Norte, abrigado do Atlântico por um fosso de vinte braças. Fácil de navegar, fácil de defender.

O astrónomo aguardava os outros membros da Junta Matemática. D. João II constituíra-a para que supervisionasse a ciência das viagens marítimas e analisasse os planos expedicionários que eram propostos ao soberano por aventureiros de Veneza, Génova e outros lugares.

Desde a sua criação, em 1290, a universidade atraía matemáticos de nomeada provenientes de toda a Europa. Faziam parte da Junta judeus exilados como Ben Verga de Sevilha, Vizinho, médico do rei, e Martim Behaim, *o Boémio*. Era um grupo formidável. Verga escrevera obras sobre astronomia e ciência da navegação. Era especialista na utilização do astrolábio, do quadrante e de outros instrumentos fantásticos que detinham o segredo da navegação pelas estrelas.

Para o marinheiro comum era algo que parecia magia: se era possível ler as estrelas para descrever o presente, então poderiam ser usadas para prever o dia de amanhã! Não admira que aqueles magos que faziam malabarismos com os números como quem tirava coelhos da cartola fossem chamados de

¹ Em Alfama, no lugar do actual Pátio dos Quintalinhos, com entrada pela Rua das Escolas Gerais. (N. T.)

astrólogos – afinal, quando se trata de prever o futuro, que diferença existe entre tempo e espaço? Mas para os pilotos e capitães, os instrumentos constituíam um elemento chave para determinar a posição dos navios, e os matemáticos eram frequentemente enviados com as frotas – o próprio Vizinho fora à Guiné a mando do rei, em 1485.

Medindo a elevação solar, «pesando o sol», como diziam os marinheiros portugueses, era possível determinar a latitude do navio. Esta operação requeria grande precisão, quer no momento, dado que o sol deveria estar na sua altura máxima, quer na medição, tendo em conta o balancear do navio. À medida que o navio se aproximava do equador, o erro da medição aumentava, com o sol a bater quase na vertical.

Os matemáticos tinham elaborado um conjunto de tabelas a serem utilizadas em função do dia e do ano, as quais, de acordo com as instruções do rei, estavam cuidadosamente guardadas. O Regimento de Munique, como era conhecido, calculava estas declinações em sessenta pontos a norte do Equador. A Junta tinha também trabalhado sobre a utilização da Estrela Polar, e em especial das «Guardas», como eram chamadas as duas irmãs da Ursa Menor.¹

Um homem alto e barbudo entrou na sala, olhando aprovadamente para as estantes cheias de tomos científicos. «*Shalom*, Abraão, bom dia».

O mestre saudou-o calorosamente, «Meu caro Vizinho, vem, senta-te». Do átrio, ouviram-se as vozes tonitruantes do sevilhano e do boémio. Falavam em latim – Behaim no tom mais áspero do Norte da Alemanha, Verga com um rápido sotaque andaluz que provocou um sorriso nos dois homens que se encontravam na sala.

Sentaram-se a uma mesa comprida e Abraão serviu a todos vinho aromatizado com especiarias enquanto lhes contava a sua conversa com os pilotos. «El-rei pretende enviar Dias, o seu escudeiro, numa viagem, com o objectivo de navegar mais para sul do que o Congo, talvez até aos confins de África». Levantou-se e, ligeiramente encurvado e com o seu rosto quase infantil emoldurado por finos cabelos brancos, deu alguns passos vacilantes até ao mapa. O dedo do astrónomo percorreu a costa africana.

«Vocês sabem das dificuldades da viagem de Diogo Cão, conhecem as histórias da angústia, da fome e do sofrimento que sobrevieram enquanto as caravelas se arrastavam para sul, contra as correntes e os alísios». O mestre bebericou o vinho pensativamente e prosseguiu. «O piloto Escobar referiu que Diogo Cão rumou das Guinés para oeste para evitar as calmarias equatoriais, e que encontraram uma brisa de leste propícia. Obviamente, não sabiam

¹ As estrelas Merak e Dubhe, muito úteis para se localizar a Estrela Polar. (N. T.)

quão a ocidente se encontravam, e tiveram medo de não conseguirem regressar. Por conseguinte, deram meia volta».

Sorriu docemente mas as suas faces rosadas e o seu solidéu bordado eram enganadores na sua inocência – escondiam uma mente arguta e a intolerância típica de um cientista em relação aos tontos. «Conhecemos a teoria de Ptolomeu, segundo a qual, nas zonas mais quentes, perto do Equador, a água do mar se dilata e flui para os pólos. Essa teoria está claramente errada».

Pegou num globo e girou-o lentamente. «Conhecemos a circulação oceânica do Atlântico Norte e temos a certeza de que existe um padrão rotativo. Esta é a razão da rota preferida para os Açores, primeiro rumo a sudoeste, até à Madeira, e depois rumo a norte».

Vizinho anuiu com a cabeça. «Há três anos, a mando do *Príncipe Perfeito*, analisei os planos de Colombo. É assim que o almirante se propõe chegar às Índias, rumando a sul com os alísios, via Madeira e Canárias. Não sancionamos os seus cálculos nem podemos subscrever as suas conclusões mas eu também acredito na existência de um vórtice, impelido para oeste pelos alísios e ao contrário pelos oesteiros¹».

Abraão sorriu mas desta vez com o entusiasmo febril da ciência no olhar. «Podemos postular uma circulação atlântica no Sul, o espelho dos nossos padrões no norte».

Ouviu-se um estranho sotaque germânico: «Zimetria?». O boémio molhou a pena no tinteiro e traçou duas linhas verticais num pergaminho, a de cima para a Europa, a de baixo para a África. Ninguém sabia o comprimento da linha inferior. À esquerda, desenhou cuidadosamente dois grandes círculos, um sobre o outro, duas rodas girando em sentidos opostos. A simetria sempre fizera parte da beleza da matemática, da própria natureza.

«Sim, vemo-la nos ventos, a norte e a sul do Equador, nas correntes oceânicas, nas temperaturas da água e do ar e, mais importante ainda, no ângulo do sol», acrescentou Ben Verga, o sevilhano. A sua mente ágil compreendeu de imediato o conceito. «O nosso ilustre Abraão está a dizer que podemos usar o círculo de baixo como usamos o de cima».

Os olhos do mestre cintilaram. «Efectivamente, se existir uma passagem a oriente, abaixo do continente africano, poderemos usar o círculo para lá chegar, ou talvez apenas parte do círculo». Abraão sentiu-se agrado por poder partilhar a sua teoria com tão distintos eruditos, homens para quem as ideias eram o combustível da vida e o conhecimento o motor do progresso.

¹ Ventos de oeste que reinam entre 40° S e 50° S. (N. T.)



Uma Palma de Ouro

O piloto Alenquer, o capitão Dias e os restantes sentaram-se de novo à mesa na pequena sala das Casas da Universidade, com a janela aberta para deixar entrar a cálida brisa estival. O príncipe D. Henrique doara as casas em 1441, para substituírem instalações alugadas, acompanhando-as de instruções para que fossem ensinadas as sete artes liberais¹ – e chamando especial atenção para o ensino das artes da «aremética», da geometria e da astrologia. Abraão entrou, falando em voz baixa com Martim Behaim. Os passos do mestre eram encurtados pelo rígido caminhar da velhice e ele apoiava o braço no homem mais novo, tanto pela companhia como para se equilibrar.

«Meus amigos», disse Abraão, «estamos a chegar ao fim do nosso tempo juntos, não tarda partireis. Oferecemo-vos os nossos conhecimentos para que possais construir o nosso mundo. Depois de hoje, só haverá mais uma lição. Martim?».

O jovem astrónomo levantou-se e falou na sua estranha voz aguda. «O meu nome é Behaim, e também sou conhecido por Martim da Boémia. Hoje vamos de marés falar ». Ao ouvirem o seu cómico sotaque germânico, os homens olharam uns para os outros contendo o riso, como garotos de escola.

«As marés dependem principalmente da lua e do sol e, como sabeis, uma boa enchente em maré viva facilita muito a entrada numa baía, tal como a vazante nos leva para o mar alto. A navegação costeira é muito mais do que conhecer os ventos. E as marés são vitais para os combates navais, ja?».

Olhou sucessivamente para cada um dos ouvintes, com o sobrolho carregado. Alenquer fitou os penetrantes olhos azuis e ficou à espera.

¹ Divididas entre *Trivium* (retórica, lógica, gramática) e *Quadrivium* (astronomia, música, geometria, aritmética). (N. T.)

«O fluxo e o refluxo das marés são conhecidos desde há mil anos. Os fenícios sabiam deles em Cádiz – tinham compreendido a conjugação entre a lua e o sol. É claro que para leste não era necessário, porque as marés são muito pequenas. É como na minha terra, no Báltico». Sorriu, olhou para Abraão com ar de lunático e soltou uma estrondosa gargalhada. «Não admira que os romanos e os gregos pensassem que tinham chegado a um lugar de monstros e demónios, que afinal eram os porrtugueses!».

Os ouvintes ficaram suspensos da sua forma carismática de comunicar – ali estava um homem que se movia na sua ciência como peixe na água – ensinava divertindo, e divertia-se ensinando.

Martim passou a descrever a órbita de trinta dias da lua e a sua relação com as vinte e quatro horas de rotação da terra, que provocava uma atraso diário de quarenta e oito minutos na maré. Falou da previsão de marés, através da roda das horas – dividida em quadrantes, cada um com seis horas e oito direcções.

«Ao meio-dia, o sol está no Sul, às três da tarde no Sudoeste, à uma e trinta da manhã em Nor-Noroeste – como podeis pela minha roda ver!», disse ele com um sorriso demente, retirando debaixo das vestes uma roda das horas.

Abraão recostou-se na cadeira, a gozar o espectáculo.

«Mas não o podemos ver no céu», gritou ele, «porque é de noite, uma noite escura como breu. Por isso, recorreremos às Guardas, mas todos vós sabeis isto porque sois artistas do mar, Ja?». Quando pronunciou a palavra «gu-arrdas», os homens riram a bom rir e acenaram com a cabeça a sua concordância. Há muito que os marinheiros portugueses sabiam que as duas estrelas de maior brilho da boca grande da Ursa Menor eram ideais para encontrar o Pólo Árctico.

Alenquer conhecia a constelação por Buzina, com a Estrela Polar na boca pequena e as duas Guardas na grande. No regimento da Estrela do Norte, as Guardas eram usadas para se saberem as horas nocturnas, mas tal só era evidentemente possível quando se navegava perto do meridiano. Navegar para ocidente ou, como ele desejava, para oriente era uma história completamente diferente, a menos que se soubesse onde se estava.

Behaim navegava na crista da onda enquanto lhes falava das idades das marés.¹ «De Barbate, na Andaluzia, até à Galiza e à Biscaia, são seis horas de enchente e seis horas de vazante, da seguinte forma: Noroeste e Sudeste, baixa-mar; Norte e Sul, meia enchente; Nordeste e Sudoeste, preia-mar; Este e Oeste, meia vazante. E é a mesma coisa desde o estreito de Ceuta até à Costa da Berbéria, quer seja lua cheia, lua nova ou quarto crescente!». As palavras saíam-lhe como balas de mosquete. «E quando a lua e o sol se encontram em

¹ Nome dado ao atraso da onda de maré. (N. T.)

conjunção» – pronunciou deliciosamente a palavra, arrancando sorrisos, «algo que podereis com as vossas técnicas navais calcular, a preia-mar tem o sol em Sudoeste e Nordeste. Depois, deveis usar diariamente a roda, uma quarta por dia – são trinta e duas. Deveis contar a idade da lua, como se fosse uma crriancinha!». Deu novamente uma enorme gargalhada, com o cabelo espetado em todas as direcções e a túnica batendo-lhe nas pernas magricelas.

Prosseguiu durante algum tempo, explicando as marés ao longo da costa ocidental africana, informando que se sabia que na foz do Senegal eram ao contrário, com a preia-mar em Noroeste e Sudeste. Palavras preciosas, cuidadosamente retidas pelos pilotos, que confirmavam e complementavam as suas observações. Eles eram responsáveis pela precisão da navegação, que garantia o êxito da missão e a segurança da tripulação. Era rotina entrar-se nos estuários de grandes rios, o que constituía um dos maiores riscos para a navegação. A geografia de África era tão mal conhecida que todas as passagens potenciais tinham que ser exploradas. Em todas as ocasiões, apercebiam-se rapidamente de que a água do mar se tornava menos salgada e de que não estavam a penetrar num mar oriental. Todavia, a possibilidade de encontrarem água potável e frutos para evitarem o escorbuto e de saborearem carne fresca constituíam uma atracção irresistível.

Teriam eclodido motins se os capitães não acostassem em certos pontos, particularmente onde os homens sabiam – de histórias de marinheiros – que os aguardavam favores sexuais. O castigo para qualquer mulher encontrada a bordo era a morte: a desgraçada era lançada borda fora e os homens envolvidos eram chicoteados. Ditava a própria natureza dos homens que de quando em quando fossem escondidas raparigas a bordo, mas o castigo era tão severo como era grande a tolerância dos capitães quando as tripulações estavam em terra.

Baixando o tom, o boémio disse, como que misticamente: «E agora, finalmente, vou falar-vos do Número de Ouro». Para os seus ouvintes, como para quase todos os homens do seu tempo, ouro e magia eram temas de fascínio.

«Desde o grego Méton, há dois mil anos, que em cada período de dezanove anos se verificam duzentas e trinta e cinco lunações, e que *em cada ciclo de dezanove anos os novilúnios ocorrem nos mesmos dias do mês, se numerarmos os anos sequencialmente*. Porr favor, examinai isto!». Sempre teatral, tirou subitamente a luva da mão esquerda e esticou o braço a centímetros do nariz de Dias. Os homens tinham julgado que a luva, naquele quente dia de Junho, era apenas mais uma excentricidade boémia, mas deram-se conta de que Martim tinha números escritos na palma da mão. Ao ver as suas caras de espanto, Behaim riu-se com gosto. «Um na ponta, um em cada nó do dedo – observem! No polegar só há três, mas cada um dos outros dedos tem quatro, até o mindinho.

Afinal ele não é assim tão mindinho!», riu-se ele, abanando o dedo perigosamente perto da narina de Alenquer.

«Temos então três para o polegar e quatro vezes os outros, hmm...» – fingiu calcular. «Dezanove! Agora, vou dar-vos a fórmula: substituam mil por doze, cem por cinco, vinte por um e depois contem». Os homens fitaram-no, completamente perdidos. Abraão franziu a testa, num esforço de concentração.

«Eu explico. Estamos em 1486. Assim ... doze por mil, vinte por cem, quatro por oitenta. Depois, somamos seis. Quanto dá?».

Alenquer respondeu, «Quarenta e dois, professor».

«Ach! Não me chamem professor. Sou apenas um aprendiz de astrónomo maluco, com os dedos pintados! Mas a resposta está certa!». Olhou esgazeado para o piloto. «Contamos um ciclo de dezanove na mão, repetimos duas vezes e acabamos na ponta do indicador. O Número de Ouro é o quatro! Observem esta tabela». Um novo acessório emergiu das suas vestes, uma tabela manuscrita que ele desenrolou. Doze colunas duplas com os meses do ano, e no lado esquerdo de cada uma estava o Número de Ouro, o dia certo do mês.

«Tomemos como exemplo este mês de Junho. Com o nosso Número de Ouro, o quatro, o novilúnio, a lua nova, é no dia doze, e contando a idade da criança podemos conhecer os restantes. E é tudo, marinheiros!», gritou o excêntrico alemão. «Vem, Abraão, vamos refrescar-nos com o teu vinho de canela! Piloto, ofereço-te a minha tabela mas nunca mais me chames professor!». Olhou para Alenquer com um ar cúmplice. «Sabes, quando se aperta o nó da formalidade, estrangula-se a imaginação!».



A Caravela

O capitão Bartolomeu Dias era superintendente dos armazéns reais e fora um dos comandantes navais da expedição à Costa do Ouro, em 1481, chefiada por Diogo d'Azambuja. Tal como Azambuja, Dias fora corsário e capitão de navios mercantes no Mediterrâneo, duas faces da mesma moeda. Agora era mestre da *São Cristóvão*. Fora nomeado pelo rei, em Outubro de 1486, com direito a receber da Coroa uma anuidade de seis mil reais brancos «pelos serviços que dele esperamos receber».

Decorridos nove meses, estavam praticamente concluídos os últimos preparativos para a sua grande viagem para sul com uma frota de três caravelas, tendo por missão estender as descobertas de Diogo Cão até aos confins de África. Durante essa viagem, Diogo Cão e os seus oficiais estavam a jogar às cartas, e a dada altura o capitão cortou com a manilha de espadas. Atirando o ás ao ar, riu-se e disse, «Aquele promontório chamar-se-á Montenegro!». Foi o seu último ponto conspícuo, abaixo do décimo terceiro paralelo sul. Face à tradição e à devoção, o nome era invulgar. Embora alguns lugares fossem baptizados em função deste ou daquele acontecimento, a maioria recebia o nome de um santo. No dia 25 de Março, a sul do Catumbela, o Rio do Pântano, Diogo Cão passou por uma baía e baptizou-a prontamente de Angra de Santa Maria. Dada a suma importância de se saber as horas no mar, estes topónimos registavam o progresso das expedições e a fiabilidade do registo do capitão tornava-se acrescida pelo facto de os nomes dados aos lugares serem os do santo do dia.

A última parte dos preparativos astronómicos teria lugar a bordo da *São Cristóvão*, ancorado em Belém. O capitão e o piloto acolheram a bordo Abraão e Vizinho, ajudando-os com os tomos científicos e instrumentos astronómicos que traziam. A caravela era um novo tipo de navio, inventado pelos

portugueses com base em conhecimentos adquiridos dos Árabes, e até então tinha sido pouco utilizada. O capitão mostrou aos astrónomos os três mastros, cada um dotado de uma enorme vela triangular.

«Desloca cerca de cinquenta tonéis e tem uma vela latina na mezena e outra no mastro grande», disse Alenquer. «E como podeis ver, tem uma única coberta. Aqui é o castelo da popa, onde se governa o navio e se fazem todas as observações astronómicas».

«Diogo Cão usou uma barca, estes novos navios são muito mais manobráveis, especialmente à bolina», disse o capitão.

Que pequenas são estas caravelas, pensou Abraão. Um tonel tinha o tamanho de uma pipa, com 1,80 m de altura por 1,20 de largura – uma ninharia! Que coragem, fazerem-se ao mar numa casca de noz como aquela e enfrentarem o selvagem Atlântico.

Naquele fim de tarde de domingo, o céu estava limpo e cintilante. A data era 12 de Agosto, duas semanas antes da partida prevista da expedição. A maré virou às cinco e meia e a caravela zarpou para ocidente, com os astrónomos a bordo. O aprovisionamento e o armazenamento sob o convés estavam praticamente concluídos: velas sobressalentes, âncoras, cordas e instrumentos, alimentos para a longa viagem – sacas de farinha, barris com biscoito e carne de porco em salmoura, peixe, vinho, azeite e vinagre. Embora a lua fosse gibosa, já se estava em maré viva, ideal para navegar e observar as estrelas.

«Falemos sobre a vossa rota», disse Abraão. Abriram cartas do Atlântico Sul em cima da mesa. «Recordar-vos-eis das muitas perguntas que fiz quando o piloto Escobar descreveu a viagem de Diogo Cão para sul da Guiné».

Alenquer interrompeu-o. «Sim, haveis perguntado sobre a derrota para ocidente».

Vizinho disse, «Discutimos longamente esta questão na Junta Matemática e fizemos alguns cálculos. Estamos convencidos de que a viagem para sul deve espelhar a viagem para norte, como um grande círculo, num arco em sentido contrário aos dos ponteiros do relógio. Isto permitir-vos-á rumar a sul nas longitudes médias, talvez duas horas a oeste».

Dias mirou-o com um ar desconfiado. «Se vos enganais, isto implica um grande risco: morreremos todos».

Alenquer, mais aventureiro, disse, «Quando fazemos a última etapa para os Açores, partimos do bojo da África equatorial, e dada a extensão das nove ilhas, um erro de cinco graus na longitude ainda nos permite avistar o arquipélago. Quando nos enganamos por excesso, os ventos e as correntes levam-nos lá; se nos enganamos por defeito, apercebemo-nos pelos bocados de madeira e de plantas e outros detritos que flutuam nas águas. E há que ter em conta a

anomalia da agulha genovesa». Referia-se ao desvio do Norte verdadeiro, que se sabia ocorrer na zona dos Açores e que, ao contrário das crenças da altura, não permitia a medição da longitude, mas indicava efectivamente a proximidade das ilhas vulcânicas. «Mas no Atlântico Sul, onde haverá ilhas para nos guiarem? Como saberemos até onde navegar para oeste?».

Abraão voltou a falar. «Concebemos um método, mas requer um piloto de grande perícia, como tu». Alenquer baixou os olhos; como muitos outros grandes homens, era modesto em relação aos seus feitos e os elogios deixavam-no pouco à vontade. «Chamámo-lhe “dente de serra”. Estais de acordo que quando navegais em linha recta para ocidente, com a contra-corrente equatorial sul, só podeis utilizar a ampulheta, certo?». Os marinheiros anuíram com a cabeça, mas de forma algo dúbia.

«A ampulheta é volúvel como uma mulher», desdenhou Dias. «O que diz não é o que pensa – pode ser tão enganadora para um marinheiro como o canto da sereia».

«Obviamente», disse Abraão, «a bordo, só há dois instrumentos nos quais se pode confiar: a agulha de marear e o astrolábio».

«E as bombas», disse Dias. Por muito bem calafetadas que estivessem, todas as embarcações metiam água, principalmente depois de uma tempestade, sendo frequente toda a tripulação ficar de serviço às bombas até se repararem os danos. O astrónomo pressentiu que o capitão estava desejoso de mudar de assunto e esquecer a hipótese de uma rota alternativa. Afinal, Diogo Cão utilizara um navio muito menos manobrável e atingira a metade sul da costa angolana. Porque iria Dias pôr a expedição em risco com base em noções tão extravagantes?

Abraão olhou para o colega e viraram-se ambos para Alenquer, que parecia ser o mais sério dos dois marinheiros. «Acreditamos que podeis melhorar significativamente a vossa precisão ao navegarem no paralelo ziguezagueando em forma de dente de serra. Recordais-vos da roda das horas de Behaim? O quadrante tem oito divisões, cada uma com onze graus e um quarto. Para saberdes quão para oeste vos haveis deslocado, tomaí por rumo uma das divisões, e se conseguirdes manter o rumo verdadeiro sabereis quanto vos haveis afastado da latitude». Os marinheiros olharam para ele sem o perceberem.

Abraão desenhou algumas linhas e ângulos num papel. O segredo está na geometria. Imaginai-vos no Equador. Navegando setenta léguas para sudoeste, desenhareis um triângulo rectângulo de cerca de cinquenta léguas para sul, seguidas de cinquenta léguas para oeste. Sabereis quão a sul vos encontráis pesando o sol. Se a vossa latitude, no fim do percurso, for de 3° S, encontrar-vos-eis 3° mais a oeste». Abraão sorriu. «Se o vosso rumo foi sudoeste verdadeiro,

não importa que desconheçais a distância percorrida. Rumais a norte ou, melhor ainda, se o vento o permitir, tomais como rumo um dos seis azimutes entre norte e oeste até chegares de novo ao Equador, completando um dente da serra!».

Após uma pausa, Alenquer anuiu com a cabeça. «Sim, é possível. Evitamos os erros das medições da velocidade, já que sabemos a latitude e o azimute».

Vizinho levava consigo uma dádiva preciosa, uma tradução parcial do *Almanach Perpetuum*, escrito pelo seu mestre, Zacuto, em 1478. O livro continha tabelas da declinação do sol, juntamente com as efemérides – as órbitas dos planetas e das estrelas. O poder combinado dos dois elementos significava uma melhoria enorme na precisão da navegação, certamente a diferença entre o sucesso e o insucesso, provavelmente entre a vida e a morte. O grupo passou parte da noite e todo o dia seguinte a utilizar instrumentos de navegação para ler as estrelas e o sol, e a efectuar cálculos com as tabelas do almanaque.

Quando os astrónomos desembarcaram Abraão não tinha ilusões de que apenas fora parcialmente bem sucedido na sua missão. Não parecia provável que Dias seguisse a rota sul que tinham proposto, mas o contributo que haviam dado para melhorar as capacidades de navegação da expedição poderia promover o seu êxito. «Vou recomendar este piloto a el-rei D. João», disse ele, «como homem muitíssimo competente e culto».

Vizinho anuiu com a cabeça. «E quando chegar a altura da aventura oriental, diz a Sua Majestade que necessitaremos de um capitão digno da perícia do seu piloto».



O Grumete

Álvaro entrou no Bairro Alto e caminhou pelas vielas, deixando para trás a vastidão do Tejo, que cintilava nos tons de azul e laranja do pôr-do-sol. Caída a noite, as pessoas sensatas não costumavam aventurar-se naquela parte da cidade. O Bairro era cheio de cor e vida, como são todos os bairros semelhantes, mas a mistura de marinheiros, soldados, prostitutas e homens desesperados era explosiva. A taberna era suja e escura, já estava atulhada de gente e tresandava a suor, peixe frito e carrascão.

«Vinho, patrão!», pediu o soldado. Álvaro ouvira dizer que o rei ia enviar Dias para sul, seguindo o caminho de Diogo Cão, na tentativa de contornar África. Álvaro tinha ido à taberna para se alistar, pois sabia que o mestre de uma das embarcações estaria lá a beber. Viu-o sentado a um canto, com as pernas de ambos os lados de um tosco banco de madeira. Tinha à frente um prato com jaquinzinhos fritos – não eram maiores do que um dedo mindinho – e à sua direita estava sentada uma jovem. Comiam com apetite, pegando nos peixes com a mão e devorando-os inteiros com bocados de broa de milho empapados no molho gorduroso. Álvaro viu o mestre tirar um pó do bolso e polvilhar a comida.

Aposto que é grão do paraíso,¹ disse ele para consigo.

Quando Álvaro se dirigia à mesa do mestre, um velho bêbedo deu-lhe um encontrão. O soldado era um homem grosseiro e brutal, dado a maltratar toda e qualquer pessoa que se lhe atravessasse no caminho mas também quem se mantinha à distância. Deitou a manápula à garganta do homenzito. «Olha o que fizeste ao meu vinho, idiota», gritou ele. O velhote começou a tremer. «Peço desculpa, senhor, foi uma distração. Deixe-me pagar-lhe outra taça», disse ele, em tom conciliatório.

«Vais ter que me compensar com duas, velho».

«Vou ficar sem dinheiro!».

¹ Espécie de pimenta africana. (N. T.)

A garra aumentou a pressão. «Mas não ficas com a cabeça partida!».

O homem suspirou e dirigiu-se ao balcão. Álvaro abriu caminho até junto do mestre e cumprimentou-o em tom adulator. «Bom mestre, recordais-vos de mim, da viagem de Diogo Cão? Estais de boa saúde?».

A frota de Diogo Cão levava seis meses para chegar à baía de Maiumba, um porto perfeito, na ponta sul do Gabão. Diogo Cão partira do Congo, depois de pesar o sol aos 6° 07' S, e prosseguira para sul, mas deixara para trás uma pequena embaixada ao rei congolês. Ao descer a costa angolana, a frota viu-se a braços com ventos e correntes contrários, enquanto a floresta tropical se convertia em savana e desapareciam as chuvas torrenciais.

«Álvaro, grande malandro! Tinhas que aparecer quando não preciso de ti!», olhou de esguelha para a rapariga, piscando-lhe o olho. «Olha para ele. Parece um cagatório ambulante e cheira a cloaca». O mestre deu uma sonora gargalhada. Era um homem entroncado, com uma barba bem cheia. Tinha um brinco de ouro na orelha direita e a tez queimada de vinte anos de mar.

O soldado virou-se e agarrou nas duas taças que o velhote lhe estendeu, sem um obrigado. Encostou praticamente a cara à do bêbedo, que tremia, desafiando-o a fugir do mau hálito. «Desaparece, velho; desta vez safas-te sem grandes problemas». Enquanto o velhote se afastava acobardado, ele brindou-o ainda com um «vai à merda!». Depois, sentindo-se melhor, virou-se para a mesa do mestre, dissimulando o ódio que tinha nos olhos. Curvando-se, sorriu, mostrando os dentes podres. «Vinho tinto para acompanhar o peixe, senhor!».

«Nossa Senhora, estás a ser generoso? Que queres tu?». A reputação do soldado estava bem estabelecida: era conhecido como um homem mau e brutal, que só pensava em si próprio e se marimbava por completo para os outros. Lábios finos, olhos de suíno, implacável. O mestre definia-o em duas palavras: duro e velhaco.

«Diz-se por aí que ides partir com o capitão João Infante», disse Álvaro. «Necessitais de soldados a bordo, homens experientes. Vim alistar-me». Endireitou o seu grande corpanzil. «Estou de boa saúde e já verti muito sangue por el-rei D. João – principalmente dos outros!». Sorriu de novo, num esgar torto de dentes enegrecidos. «Plantei cadáveres por todas as terras de África». A rapariga olhou para ele e estremeceu.

Se não estivesse com ele, pensou o soldado, eu bem te fazia estremeecer.

«Aparece na doca segunda-feira, de madrugada. Logo trataremos de te alistar». O mestre detestava profundamente o homem mas soldados como ele eram os brutamontes de que necessitavam para o que tinham pela frente. Cruel e amoral, Álvaro não tinha pejo nenhum em raptar, torturar e matar qualquer nativo, e cumpria os seus terríveis deveres com um zelo perverso. O mestre vira-o em acção no Congo e conhecia as suas habilidades com espada, punhal e besta.

Álvaro agradeceu ao mestre, acabou a sua bebida e ficou mais algum tempo na taberna, planeando a sua jogada seguinte. Rebentou uma zaragata. Dois marinheiros começaram a discutir por causa de uma prostituta, o chulo meteu-se, começaram aos murros e viu-se cintilar uma faca. O soldado pegou num tijolo utilizado para aquecer o pão e, com o braço esticado num amplo movimento circular, atingiu o chulo na parte de trás da cabeça. O homem caiu redondo, e a faca tombou ruidosamente no chão.

A prostituta pusera-se a andar há muito e os marinheiros reconciliaram-se. Fizeram questão de pagar um copo ao soldado, noutra lugar, talvez comer umas sardinhas no António, na Rua da Barroca. Percorreram duas ruas e sentaram-se na tasca. Felisberto, o marinheiro mais velho, tinha-se alistado na embarcação de Bartolomeu Dias. O mais novo era calafate e trabalhava na Ribeira das Naus.

«Eu também estou a pensar embarcar, mais ano, menos ano». Tinha um rosto vermelhusco de borrachão, com as veias dos malarres púrpuras de hemorragias». Tenho cinco filhos e não consigo sustentá-los».

Álvaro sabia muito bem para onde ia o dinheiro do homem – goela abaixo. E era um idiota, sempre pronto para pagar uma bebida a alguém para emborcar mais uma. Depois de três ou quatro bagaços, o bêbedo começou de novo a lamentar-se. «A minha mulher trocou-me por outro. Só tenho um filho, que é tísico. As minhas filhas não valem nada – quem me dera ver-me livre delas!».

«Se alguma for bonita, fico-te com ela», gracejou o soldado com um sorriso debochado.

O miserável não tinha o mínimo amor-próprio. «Vendo-te de bom grado a mais velha – é jovem e fresca, só tem catorze anos».

Álvaro trouxera algum ouro da sua última viagem com Diogo Cão, que contrabandeara de Elmina. A conversa tornou-se séria e foi combinado um preço, na condição de ver a rapariga primeiro.

No dia seguinte, ao fim da manhã, Álvaro desceu até à Ribeira, onde os artífices se atarefavam no estaleiro. Quando os sinos bateram o meio-dia, apareceu uma rapariga que trazia o almoço ao pai. O calafate combinara encontrar-se com o soldado num canto das traseiras do estaleiro, longe de olhares curiosos. O soldado mirou a jovem com ar de aprovação. Era esguia e pálida, com seios pequenos e firmes e um rosto emoldurado por cabelos curtos. O pai recebeu um punhado de peças de ouro embrulhadas num pequeno pano e deu meia volta. A jovem, sem compreender o que se estava a passar, foi agarrada pelo braço num aperto de ferro. Tentou resistir mas o soldado deu-lhe duas bofetadas com as costas da mão e ela começou a chorar. Ora aqui está um grumete que terá bom uso, pensou Álvaro enquanto a levava à força do estaleiro, excitado pelo medo que lhe via nos olhos.



A Segunda Caravela

Álvoro estava encostado à amurada de estibordo da *São Pantaleão*, à espera que a maré virasse. Acostada à frente da sua caravela estava a *São Cristóvão*, a nau do capitão-mor, e logo atrás a embarcação com os víveres. Sendo soldado e veterano de muitas campanhas, ele sabia que este navio, comandado por Pedro Dias, irmão de Bartolomeu, não regressaria. Morriam muitos homens, as provisões eram consumidas, as frotas minguiavam.

As tripulações tinham assistido à missa matinal em Belém, dita na capelinha. A atmosfera era de circunspecção e as mulheres e as crianças começavam a congregar-se no cais, muitas delas chorosas. Sabiam que havia fortes probabilidades de não voltarem a ver os seus homens.

No castelo da popa da *São Cristóvão*, o capitão, Bartolomeu Dias, dirigiu-se ao seu piloto, Alenquer. «Piloto, tenho aqui uma carta feita por Ortiz, por Mestre Moisés e pelo médico d’el-rei, Rodrigo. Alenquer pôs o seu compasso de lado e afastou a agulha de marear e o astrolábio que estava a preparar em cima da mesa. Desenrolaram a carta. A costa ocidental de África estava desenhada com precisão; era conhecida desde o tempo de Diogo Cão, até ao Cabo Padrão, a meio da Namíbia. Mais para sul, o litoral tornava-se mais artístico, e os contornos da África Oriental procuravam reflectir o que era conhecido. D. João II tinha grandes esperanças que o seu espião, Pêro da Covilhã, ao regressar das Índias, fornecesse mais informações sobre aquela parte da rota. As linhas do mapa entrecruzavam-se para efeitos de navegação, dado que num planisfério uma grelha rectangular não segue as latitudes nem as longitudes devido à curvatura da terra.

«Uma boa carta», observou Alenquer. «Com ela e com o almanaque do judeu Zacuto, chegaremos a bom porto».

Armazenados no porão havia três padrões, com dez palmos de comprimento cada um; constituíam um bom lastro e estavam prontos para assinalar as novas descobertas. Diogo Cão erguera um no estuário do Congo para dar conta do seu desembarque no local.¹ De pedra calcária e com o dobro da altura de um homem, dizia:

Era da criação do mundo de 6681, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1482, o excelente esclarecido rei Dom João Segundo de Portugal, mandou descobrir esta terra e pôr este padrão por D. Diogo Cão, cavaleiro de sua Casa.

Diogo Cão prosseguira para sul e colocara outro padrão no Cabo de Santa Maria, no Sul de Angola. No entanto, ao contrário dos padrões de pedra de Diogo Cão, os que seguiam a bordo da frota de Bartolomeu Dias eram de mármore de Estremoz.

Álvaro estava de vigia quando os degredados foram levados para o seu navio, acorrentados uns aos outros. Cumpria-lhe a ele e aos outros soldados a bordo guardarem os condenados. João Infante, o capitão do navio, ordenou à escolta que retirasse as grilhetas aos cativos e abandonasse a embarcação.

«Deportados», disse o capitão, «estais aqui para servir el-rei. Já não tendes grilhetas porque agora estais acorrentados a nós. Só há duas maneiras de sair daqui: redimidos e com honra, ou mortos».

Álvaro recordou-se das palavras de D. João II: «Que desperdício executar homens robustos e sãos quando há tantas ilhas a colonizar e tanta obra perigosa a fazer no ultramar!».

Infante continuou a sua arenga. «Sereis escolhidos para as missões mais arriscadas – as vossas vidas pertencem ao Estado. A bordo deste navio, só recebo ordens de Deus Nosso Senhor. A hierarquia é a seguinte: capitão, mestre, piloto, contramestre, tesoureiro, carpinteiro, calafate, barbeiro, artilheiro, marinheiro, grumete, pajem. Portai-vos bem, sede devotos e não venais, sede respeitosos e obedientes. Álvaro tratará de fazer cumprir a disciplina». O soldado sorriu-lhes cruelmente, mostrando-lhes os seus dentes amarelentos e enegrecidos.

Era uma boa maré viva, faltavam apenas duas semanas para o equinócio de Setembro. A vazante era forte, com uma acentuada brisa de noroeste provocando pequenas ondas na cintilante superfície do Tejo.

¹ O chamado Padrão de Santo Agostinho, actualmente na Sociedade de Geografia de Lisboa. (N. T.)

A ordem da *São Cristóvão* foi rapidamente repetida ao resto da frota. Recolheram as pranchas e soltaram as amarras. A bordo do navio-almirante, Alenquer deu dois longos assobios com o apito de piloto que tinha pendurado ao pescoço numa grossa corrente de ouro. Em terra, as mulheres davam grandes lamentos; nos céus, gritavam excitadamente as gaivotas. Os homens içaram as velas no mastro da mezena, a vela grande rizada enquanto as caravelas começaram a bolinar, impelidas para ocidente pelos mil milhões de toneladas de água que o grande estuário descarrega no Atlântico numa maré vazante.

A tonalidade das águas foi mudando para verde-escuro e os navios, dando bombordo ao banco de areia da foz, começaram a balançar mais. Ao entrar no Atlântico, com a pequena aldeia piscatória de Cascais brilhando caiada a estibordo, a frota fez rumo às Ilhas Afortunadas, de onde os alísios de nordeste e a Corrente das Canárias permitiriam navegar sem problemas até Cabo Verde.

Álvaro integrava uma tripulação de cerca de vinte e cinco homens, incluindo artífices, que realizariam todas as reparações. Dois dos mareantes tinham participado na viagem de Diogo Cão, pelo que Álvaro os conhecia bem. Juntaram-se abaixo do convés, fazendo durar a sua ração de vinho.

«O navio é bom, tão bom como outro qualquer. E até agora, não há nada a dizer do capitão».

«Devemos acostar na Mina, onde poderemos comprar algum ouro». Nos navios régios o soldo era trivial, pelo que a maioria dos homens se engajava por outros motivos: alguns dos oficiais iam em busca de fama e de glória, os marinheiros à procura de aventuras, com o intuito de contrabandear especiarias e ouro ou para fugirem de um credor, de uma mulher, de um punhal.

«Que vais tu vender?». Todos os marinheiros tinham qualquer coisa – emprestada, dada ou roubada – que podia ser trocada por ouro, grão do paraíso e outras mercadorias valiosas.

A risada de Álvaro causou-lhes um calafrio. «Não tarda saberão».

«Quando eu estava ao leme, na primeira vigia da noite, o piloto Martins estava a falar com o mestre. Ele acha que o capitão não vai parar na Mina, só na Guiné, para embarcar alguns pretos».

Álvaro ficou branco como a cal. «Não vai parar na Mina? Impossível!».

O seu plano fora cuidadosamente congeminado. Durante as semanas que haviam antecedido a partida da frota, ele preparara a rapariguita para o que lhe tinha destinado, usando a sua brutalidade como arma preferida. Nos primeiros dias, manteve-a acorrentada à sua cama como um animal, deu-lhe pouca comida e bateu-lhe com frequência. Violou-a e impôs-se-lhe de várias outras formas. Depois, vendeu os serviços sexuais dela, tudo isto à guisa de preparação para o futuro. Álvaro planeava escondê-la a bordo da *São Pantaleão* disfarçada

de grumete, na mira de a vender em Elmina. A fortaleza da Mina do Ouro, São Jorge da Mina, era guarnecida por homens duros e temíveis, ex-condenados e soldados, que lucravam às claras com o ouro e os escravos. Os portugueses tinham nas mãos o tráfico de escravos em toda a África Ocidental mas, como o soldado bem sabia por experiência própria, não eram as tripulações dos navios que capturavam os nativos. Os sobas locais caçavam homens e rapazes de outras tribos para os venderem aos brancos em troca de produtos europeus.

Em Elmina, uma rapariga branca valeria muito dinheiro, e Álvaro contava desembarcá-la e vendê-la por ouro. O grumete seria dado como morto ou desaparecido, fim de história. Aliás, depois de alguns anos na Mina, o mais provável era que ela morresse – dos maus-tratos, das febres ou da depravação. Mas agora Álvaro via o seu plano em risco!

O soldado escondera a jovem a bordo. Ela sabia que ao menor problema que surgisse ele atirá-la-ia borda fora, acusaria um dos deportados de a ter levado para o navio e matá-lo-ia. Com a possibilidade de favores sexuais para a tripulação, qualquer mulher que fosse descoberta a bordo de uma caravela era imediatamente executada. Mas com o seu corpo esguio, o cabelo curto e as roupas sujas, ela era indistinguível dos rapazelhos que seguiam a bordo.

Agora, a única coisa que havia a fazer era desembarcá-la na Guiné e vendê-la aos chefes locais por ouro. Uma rapariga branca seria uma raridade e ele não deixaria de lucrar com a transação, ainda que não tanto como na Mina.

E seria menor o risco de ela ser descoberta, pensou ele, quando os navios chegassem às calmarias equatoriais, o que aconteceria inevitavelmente ao rumarem da Guiné para sul. O soldado não sentia qualquer carinho pela jovem mas não a queria morta: não estava disposto a perder o seu investimento.



Os Dias de Bartolomeu

Depois de a expedição passar pelo rio Geba¹ e chegar à Serra Leoa, os alísios deixaram de se fazer sentir e os navios entraram nas calmarias equatoriais. É neste ponto que a Corrente das Canárias se converte na Corrente Equatorial Norte, que flui para oeste de forma lenta e difusa.

Os navios derivaram durante dias; os alimentos frescos embarcados nas Canárias tinham desaparecido há muito.

«Só há vento perto de terra», disse Álvaro aos seus camaradas, «mas as ondas rebentam ao largo, em baixios de três ou quatro braças».

«E há brumas nas quais um navio pode encontrar a sua perdição», acrescentou um deles.

«Aqui, o vento é fraco e inconstante», prosseguiu Álvaro, resmungão. «Parece mijo de velho!», disse ele, cuspiendo no tombadilho.

O biscoito e a carne salgada contidos nos barris tinham começado a apodrecer, envolvendo o navio num fedor a ranço.

«Que pivete! O porão está a meter água, anda-se em cima de um lodo de carne podre, lixo e ratazanas mortas». O homem que falou era um novato, um ex-pescador de Lagos.

«Não peças a Deus um porão limpo», disse-lhe enigmaticamente Álvaro.

«Porque não?».

«Não tarda saberás porquê!».

Pelo menos, saquei o ouro e já não tenho que me preocupar com a rapariga, pensou o soldado. Fora fácil discutir a sua proposta de negócio com os negreiros, e no segundo encontro levava a jovem consigo. Dentro da palhota, ordenaram-lhe que se despiße. Os olhos dela estavam esbugalhados de terror.

¹ Na Guiné. (N. T.)

O chefe da tribo era um velho depravado. Olhou com lascívia para o corpo firme e jovem; os seios, atrevidamente espetados, contrastavam de forma marcada com as ofertas pendentes e flácidas das suas mulheres. Álvaro percebeu que ia fazer negócio, que foi fechado com um copo de aguardente de palma. Queimou-lhe a garganta, e a careta que fez provocou um coro de estrondosas gargalhadas entre os negros. Álvaro pegou no saco de ouro e levou-o para bordo às escondidas. Mais tarde, pediu emprestadas algumas ferramentas ao carpinteiro e abriu um pequeno compartimento escavado no porão. Depois de esconder o ouro, recolocou a tampa de madeira, pregou-a e usou a abundante sujidade que havia no chão, misturada com cuspo, para barrar a madeira e disfarçar a obra.

Na costa da Guiné, Bartolomeu Dias embarcou dois negros e quatro negras. Foram dadas ordens rigorosas no sentido de se evitarem conflitos com os nativos e conquistar a sua confiança com presentes. As quatro guineenses seriam desembarcadas em vários lugares, ricamente vestidas, com amostras de ouro, prata e especiarias, indicando que os portugueses pretendiam comerciar. Os descobridores consideravam que a utilização de mulheres seria uma postura menos agressiva, vista pelos indígenas como uma oferta e não como uma ameaça. E embora os dialectos fossem diferentes, os embaixadores teriam a cor adequada e demonstrariam estar já acostumados aos pálidos e barbudos estrangeiros.

Ao bolinarem para sul, passando pelo poderoso rio Congo, a velocidade abrandou devido aos alísios que sopravam com constância de sudeste e à corrente que, num crescendo de poder, fluía para norte paralelamente à costa. A decisão de não pararem em Elmina fora mal recebida pelas tripulações, que contavam reabastecer no local. Restava-lhes pouca comida e muitos homens sofriam com o escorbuto e outras doenças. O moral estava muito baixo.

«Angra do Salto, capitão!», gritou um grumete do cesto da gávea, no alto do mastro grande. Bartolomeu Dias postara-o de vigia, dado que o piloto considerava o local como seguro para ancorar e ir a terra. A baía era bastante invulgar: a entrada dava para leste, abrigando a frota do vento, e a baía tinha forma de amêijoia, com uma larga barra arenosa ao longo do lado norte.

A caravela de João Infante foi a primeira a entrar no porto, com a enchente; à proa iam o piloto e dois marinheiros, que faziam o prumo. Alenquer mandara a frota esperar, lembrando-se do conselho de Behaim sobre a previsão das marés ao longo da costa. Perto do litoral havia uma pequena aldeia, e os nativos, em canoas, pescavam na baía. A tripulação animou-se face à perspectiva de alimentos frescos, água, lenha e talvez outras benesses. Alenquer e os outros pilotos pesaram o sol com um astrolábio de latão e consultaram o

almanaque de Zacuto. Depois de medidas e mais medidas, estabeleceram a sua posição em 16° S, já muito perto do ponto atingido por Diogo Cão mais de quatro anos antes.

Permaneceram alguns dias no local, Porto Alexandre,¹ no limite do Sul de Angola, e Bartolomeu Dias mandou desembarcar dois negros. O navio de abastecimento foi deixado para trás, com nove homens, sendo a restante tripulação dividida pelas duas caravelas para substituir os mortos. O clima tornara-se mais árido, com os ventos do deserto a trazerem do Sul tempestades de areia. As tripulações pescaram e os navios foram reparados e calafetados, em preparação para a aventura no grande mar austral. Adquiriu-se carne fresca aos indígenas que apascentavam ovelhas e bois no *karoo*,² que foi salgada e armazenada a bordo.

Quando a frota se preparou para partir, Bartolomeu Dias reuniu os seus oficiais. «Passámos o nosso Outono à espera, e agora é Primavera no hemisfério sul. A partir daqui, vamos navegar em águas desconhecidas, e bem podemos encomendar a alma ao Senhor... Alenquer, o que aconselhas tu?».

«Capitão-mor, foi sensato esperar por melhor tempo, mas mesmo assim fará muito mais frio no Sul, como já podemos ver pelas águas». Era o que indicava a gélida Corrente de Benguela, que corre do Antártico e que, ao afastar-se da terra para o mar alto, impelida pelos alísios de sudeste e pela rotação da terra, faz com que as águas costeiras se tornem ainda mais frias, vindas de uma profundidade de centenas de braças.

«Daqui ao Cabo Padrão, onde morreu o capitão Diogo Cão, navegaremos cento e cinquenta léguas. Depois, ninguém sabe. A corrente que corre para norte é poderosa, os ventos dominantes são de sudeste. Navegaremos sempre à bolina e contra a corrente. Não sei quando poderemos virar para leste – ninguém sabe».

O ambiente era sombrio. «Sem reabastecimento, sem pesca, sem calor», disse Infante, «e com mau tempo – sem sol, sem estrelas, sem azimute. Vai haver muito descontentamento entre as tripulações, doenças, terrores, talvez até um motim».

«Podíamos fazer fé no astrónomo Abraão». Alenquer apontou para oeste na carta. «Fazer a “volta da Guiné”. Mar afora, passamos pela Corrente de Benguela, com os alísios, até o vento e a corrente nos virarem para sul. E depois rumamos para leste com vento a favor».

¹ Hoje Tômbua. (N. T.)

² Região semi-desértica do Sul de África. (N. T.)

«Fé de Judeu? Nunca!», gritou roucamente Bartolomeu Dias. «Que sabem esses ratos de biblioteca? Não vou conduzir os meus homens à morte nem a minha expedição à ruína com base em patranhas de judeus!».

Os oficiais ficaram perplexos. Bartolomeu Dias nunca dissera uma única palavra sobre as suas conversas com Abraão, e ninguém ouvira falar em nenhuma rota alternativa. Olharam expectantes para Alenquer.

O piloto esticou o pescoço. «Capitão, esses judeus, como lhes chama, vieram ter connosco a mando de el-rei D. João. Até agora, as declinações constantes do *Almanach Perpetuum* de Zacuto revelaram-se perfeitamente correctas – o livro tem sido uma ajuda preciosa».

Bartolomeu Dias empalideceu de raiva. «Piloto, mantém-te no teu lugar, ou cumprirei o meu dever».



A Despedida

A casita situava-se numa colina, em Sintra, perto da muralha do velho castelo mouro. O solo e as folhas das árvores estavam húmidos, e o brilhante sol de Novembro fazia-os cintilar.

O casal subiu de braço dado pelo estreito caminho, bordejado por altas muralhas de pedra. A hera e os pinheiros gotejavam. Apareceu-lhes pela frente uma velha camponesa, vestida dos pés à cabeça no negro das viúvas e com uma trouxa equilibrada no alto da cabeça. Ao passar por eles, alguns pingos de chuva desafiaram o brilho do sol. «Vede, senhores meus, são as bruxas que se penteiam», cacarejou a velha, seguindo o seu caminho.

O espião virou-se para Florbela, que tinha os olhos marejados de lágrimas. Ela sabia porque é que Pêro a levava àquele lugar. A sua amada era inteligente – e para mais, contava com o seu sexto sentido de mulher.

Pêro puxou-a para si, levantou-lhe docemente o queixo e beijou-a. «Não chores, querida, peço desculpa...», disse ele.

Ela encostou-lhe um dedo aos lábios, silenciando-o. «Shhh. Sei que vais outra vez de viagem, Pêro. Sinto-o no meu coração. Foi por isso que aqui viemos. Para onde vais? Quanto tempo estarás ausente?».

«Desta vez, não é para a Berbéria». Acariciou-lhe o rosto. «É para oriente, para lá da Terra Santa. Serão alguns anos; dois, talvez mais».

«Três anos? Vou ficar faminta de ti».

Florbela sentiu o seu coração preso numa garra gélida, um aperto do qual não conseguia escapar.

«El-rei tem um plano grandioso», disse o espião, «E eu não passo de uma roda da engrenagem. Como todos os desígnios magnos, esse plano vive apenas na mente de um homem. Os outros não vêem a sua abrangência. El-rei está a trabalhar nisto há dez anos e fez-me saber que ainda necessitará de outro tanto».

«Vinte anos? Isso é metade de uma vida. Deve ser obra». Florbela conhecia o rei suficientemente bem para conseguir imaginar uma boa parte do esquema. Percebeu que o destino de Pêro eram as Índias, pois era bem sabido que o *Príncipe Perfeito* tinha ambições colossais para Portugal, que via como uma grande potência marítima, uma nação com projecção a nível global.

«Perigos não irão faltar, nessa nova missão. Caso contrário, não serias tu o enviado d'el-rei », concluiu ela.

«É uma missão de espionagem, de recolha de informações. Para muitos seria arriscada, mas eu vingarei. O *Príncipe Perfeito* escolheu-me por causa da minha experiência. E pelas línguas. Não te vêes livre de mim de forma assim tão fácil ». O espião sorriu, desanuviando.

Florbela viu confirmada a sua suposição. A viagem de Pêro ao Norte de África fora um simples preparativo, uma parte do plano. Além de inteligente e visionário, o rei era paciente e meticuloso. Uma combinação invulgar de atributos, reflectiu a condessa; por norma, os visionários não se preocupam com os pormenores, isso é tarefa de lacaios.

Mas este monarca era como uma vaga oceânica, levando tudo à sua frente. Pêro tinha razão. Apesar de ser de estatura monumental quando comparado com homens menores, ao lado de el-rei D. João não passava de uma roda da engrenagem.

«Não fiques em cuidado. E olha, o silêncio é de ouro. O maior perigo será uma revelação antecipada».

«Nada direi, aconteça o que acontecer, prometo. Não quero ouvir mais nada, saber mais nada. Assim, mesmo que o desejasse, o que contaria?» Ela sorriu. «Afinal de contas, a informação de que alguém foi para oriente durante dois anos não faz notícia. É tão útil como um navio no deserto».

«Ou como um capado na cama!».

Ele fazia-a sempre rir. A maioria dos homens não percebia que o riso era um dos caminhos que conduzia directamente ao coração das mulheres.

Ficaram sentados durante algum tempo no pátio empedrado da rústica casita, bebendo uma taça de vinho e olhando para as nuvens carregadas de chuva que se reagrupavam no horizonte.

Florbela sorriu, com os olhos traindo-lhe a intenção, e acariciou-lhe a coxa com os dedos. Ela nunca deixara de pasmar com a facilidade com que o excitava, como se ele fosse um adolescente e não um homem de quarenta anos. Florbela adorava o seu espírito, o seu mistério, as suas proporções.

O espião admirava-se amiúde por se ver assim enleado. Depois de tantos anos e experiências, tinha-se deixado apaixonar por aquela mulher, uma mulher que pertencia a outro homem.

«Como poderei ter notícias tuas?».

«Não há forma. Terás de confiar que estou bem. Bem sabes que não me perco. Se alguma coisa acontecer e o meu regresso for adiado, escrever-te-ei».

«E como me chegará a carta?».

«Falei pessoalmente com el-rei. Não te preocupes».

Florbela também gostava daquela característica dele. Parecia ter sempre solução para tudo. Sempre um passo à frente dos acontecimentos. Era por isso que el-rei o ia enviar ao Oriente. Não lhe faltavam homens capazes mas Pêro era de longe o melhor.

O espião fez tudo sem pressas, até ela estar ao rubro. Agarrando-o com mais força, Florbela balançava para a frente e para trás. Ela deu um gemido e Pêro sussurrou, «Vinde, meu amor», enquanto Florbela arqueava as costas duas, três vezes. A última foi a mais longa e ela soltou um grito primário quando sentiram ambos o calor ardente da libertação. Durante um longo momento, ficaram suspensos no nada.

Como se os seus dedos fossem pétalas de rosa, Pêro percorreu as lindas curvas do dorso de Florbela. Ela estremeceu, como que electrizada. Deixou-se então cair sobre dele e escondeu o rosto no pescoço e no ombro de Pêro, os cabelos correndo como um rio sobre a face e o peito do espião. As emoções do êxtase e da tristeza vieram ao de cima num choro suave que depressa se transformou num soluçar convulsivo. Sem palavras, ele afagou-lhe meigamente os cabelos e acariciou-lhe a orelha.. Atado ao mastro, esperou que a tempestade passasse. Era a vida, não havia nada a fazer.



O Banqueiro de Nápoles

O espião juntou-se a Afonso Paiva no pequeno navio com destino a Barcelona. Tinham viajado por terra até Valência, dois mercadores portugueses como tantos outros que comerciavam na costa do Mediterrâneo.

«Fizemos bem em termos fundos preparados – os tempos estão perigosos». Pêro tinha depositado quatrocentos cruzados em Lisboa, junto de Bartolomeu, o *Florentino*, e remira-os em Valência antes de embarcarem.

«É verdade, já basta o perigo da correspondência que levamos connosco», retorquiu Paiva. «Cartas de el-rei, mapas secretos, mais do que suficiente para que nos matem nestas terras, para lhes deitarem a mão».

O navio era português, capitaneado por Bartolomeu Paredes, o que fazia o espião sentir-se relativamente seguro. Chegaram à capital catalã no dia do Corpo de Deus. Inicialmente tomados por castelhanos, Pêro e Paiva foram olhados com a hostilidade habitual, mas logo que se percebeu que eram de Portugal a atitude dos habitantes mudou. Foram cumprimentados com um «bom dia», palavras idênticas em ambas as línguas. Para os catalães, que procuravam constantemente libertar-se da coroa de Castela, os portugueses eram gente que tinha conseguido afirmar a sua independência durante séculos, não obstante os olhares gulosos dos reis de Espanha.

Pêro aproveitou a curta estada em Barcelona para se familiarizar de novo com as mercadorias que podiam ser adquiridas, um passo essencial para criar o seu álibi para a viagem ao Oriente. Durante a sua deslocação ao Norte de África, em 1482, o espião comerciara os célebres produtos de Tremecém, capital do Magrebe Central. Maravilhara-se com a cidade a que chamavam a «Granada africana»: magníficos palácios, mesquitas e escolas, rodeados de jardins e pomares, bebendo de mil fontes. A cidade produzia as melhores selas e arreios do Magrebe, e peças de lã e algodão. Pêro conseguira adquirir alguns destes em

Valência, e depois de completar as suas compras em Barcelona voltou a embarcar com Paiva no pequeno navio, rumo a Nápoles.

Debaixo do ardente sol napolitano, Pêro tratou de encontrar outro banqueiro para remir uma nova letra de crédito, cujo valor fora depositado em Lisboa. O espião perguntou pelo caminho em francês. «A casa de Cosme de Médicis, por favor?».

Não foi fácil entender a resposta, dada no cerrado dialecto local. Os dois portugueses seguiram na direcção geral que lhes fora indicada mas não tardou que se perdessem no labirinto das vielas. Depois de garantirem a ajuda de um garoto em troca de uma moeda oferecida ao pai, foram conduzidos a um estabelecimento imponente, onde os mandaram esperar num sombroso pátio interior.

O banqueiro era um homem na casa dos cinquenta, já com dobras de gordura debaixo do queixo e no pescoço, e trajava as vestes luxuosas de um nobre abastado. Sentaram-se os três e foi servido vinho enquanto a letra de crédito era minuciosamente examinada, sendo dada particular atenção ao selo de cera. «Meus bons amigos, está tudo em ordem». O italiano mandou que lhes trouxessem o dinheiro e perguntou-lhes de modo simpático, num francês fluente, «Com uma soma tão importante, planeais decerto conduzir grandes negócios. Ides ficar em Nápoles?».

A resposta do espião foi cautelosa. «Tencionamos viajar para norte, e também para as ilhas», disse ele, fazendo com o braço o gesto de um vago semicírculo virado a sul. «Estamos muito interessados em reforçar os nossos laços comerciais na região».

«Ah. Para sul, para a África, ou talvez para a Ásia?».

Pareceu a Pêro que o Médicis, que tinha muitos contactos com outros homens de negócios, em particular com os de Veneza e Génova, revelava um interesse mais do que passageiro na viagem deles.

«Infelizmente, não tencionamos ir para essas bandas», replicou com tristeza o espião. «Na verdade», prosseguiu ele, «falamos algum francês, algum latim e um pouco de espanhol, mas seria muito difícil comerciar no Oriente sem saber árabe – acho que devemos deixar essa ocupação para as vossas sereníssimas repúblicas».

Enquanto via os dois homens afastarem-se, o financeiro interrogou-se sobre as suas verdadeiras intenções. O dinheiro era demasiado e Covilhã tinha um olhar duro. Estranhos mercadores, pensou ele, enquanto se sentava para escrever uma carta para Alexandria. Seria enviada ainda nesse dia, depois de codificada, por pombo-correio.

Quando a pequena barca rumou de novo a sul, em direcção a Rodes, o espião não pôde deixar de pensar que a ilha era o último baluarte cristão antes de Alexandria, porta de acesso ao Islão e ao Oriente.